O

PELOURINHO.

Nº V.

Carta de M. Scevola, offerecida á contemplação da Rainha, a senhora Dona Maria segunda.

Os Portuguezes sam naturalmente sofredores e pacientes: e muito arrochada hade estar a corda com que de maons e pés os atam seos opressores, antes que rompam em hum só gemido os degraçados. Hum murmurio, huma queixa.... nem talvez no cadafalso a soltarám. Vendem-nos, resignadas ovelhas! vendem-nos os desleaes pegureiros de quem nos deixamos governar; vendem-nos, enxotam-nos para a feira a cajado, e a latido, e mordedella de seus mastins; e nós vamos, e nem gememos. Se hum clamor de queixume, se huma voz de desconfiança acaso surde dentre o paciente rebanho, aqui os clamores de rebeldes, as alcunhas de demagogos.... e a naçam (*o rebanho* direi antes) que se rezigna e sofre, e continua a caminhar para seo exicio! Tal he, com as sós differenças de variados no-

233865 COMPRA
2

mes, e datas, a historia de Portugal quazi desde que a revolucam ou restauracam (restauraçam seria?) de 1640 fez da naçam portugueza o patrimonio de meia duzia de familias privilegiadas, e de seos satelites, e parasitos.

Mas nam sopremos a poeira dos annos de sobre as vergonhosas paginas de nossa historia de ha dois seculos. Basta a presente infamia, e deshonra, em que estamos, e que nem dos outros nem de nós proprios podemos esconder. Ha mais de dois annos que huma consideravel porçam Portugueza peregrina no desterro, e vaga, como raça proscripta, e estigmatizada da maldiçam de Deos, por quazi todos os paizes da terra — ludibrio dos povos, escarneo dos reis, objectos do geral desprezo. E quem nos trouxe a tanta baixeza e vergonha? Quem nos pôz de proverbio na boca das gentes como raça envilecida e bastarda, aberraçam da especie humana, que somos o asco, o enjôo, a dezhonra dos nossos semelhantes? Os chefes de quem nos confiámos; a *multifaria* aristocracia de todas as especies que por suas artes *veneficas* adormeceo a naçam em hum somno lethargico, e se lhe

pôz sobre o peito como pezadello mortal, que a vexa, a affoga, e a tem no dezespêro da agonia, sem resoluçam para acordar, sem forças para se erguer, sem deliberaçam, e energia para acabar ao menos em hum derradeiro e nobre arrojo de dezesperaçam.

Fugimos, aos milheiros, da nossa patria, sacrificamos tudo pela ingrata *Realeza*, que a taes chefes nos entregára; viemos curtir no exilio as magoas, as penurias, os desgostos, a fome... e porque se nam hade dizer a verdade? a *fome* tambem.... ou quando a matámos, foi com o pam das lagrimas e da vergonha — foi com as choradas migalhas que dos sobejos de seo lauto banquete nos lança, como a caens, a arrogante compaixam de nossos opressores!.... E quem diria que nem assim haviamos de escarmentar; que de nossas proprias, de nossas tantas desgraças nada haviamos de aprender! Quem diria que a fatal boa fé, a *teimosa* pacencia dos Portuguezes, nem assim se acabaria?

Viemos cobertos de lagrimas, muitos de sangue, todos de oprobrio, viemos padecer e gemer na terra estrangeira; e

nem a terra estrangeria nos poude ser refugio contra a dominaçam odiosa da aristocracia, por quem perdemos a patria. Seca de olhos, e san de corpo, sem vergonha de suas infamias, nem remorso de seus crimes, atraz de nós veio a toda a pressa, para que lhe nam escapasse huma hora de oppressam, para que nem nas miserias do desterro, aos fadados Portuguezes coubesse hum Dia de liberdade. Por artes, por astucia, por manha, por seducçoens dos incautos, por compra dos abjectos, e venaes, eila que se instaura na dominaçam — e nos domina, maltratta, e insulta, e corrompe como dantes: e nós a sofrer. Que mais ou que menos do que isto nos tem feito os Palmellas, os Guerreiros, os Candidos, os Balbinos, os Franciscos d'Almeida, os Carvalhos, os Malgalhaens? Esta liga de aristocratas, e parasitos, de priviligiados, e priviligeandos, foi, he, e será a nossa perda, e ruina se em fim nam acordamos para nos *libertamos*, e os *punirmos*.

Dois annos nos conduziram no deserto estes falsos profetas com suas *columnas de fumo;* extraviando nos por brenhas, despenhando-nos por fragas; colhendo só

para si o *maná* do ceo, dando-nos a nós o absyntho das grandas — ameaçando nos todos os dias de quebrar as toboas da ley que a Providencia nos outorgára, se a elles sós nam obedecessemos, e mais que a essa mesma ley nam respeitassemos —alardeando a cada hora seus falsos serviços, que nunca nos aproveitáram, impedindo e desprezendo os nossos para que nam aproveitassem. E agora, agora quando por outro visivel favor da Providencia, pelos incontrastaveis progressos da civilizaçam da Europa, começamos a avistar de longe *a terra da promissam*, quaes sam seos esforços agora, qual he seo empenho, aonde tendem suas maquinaçoens todas? A arredar nos, a embaraçar nos, a semear a zizania entre nós, a desacreditarnos, para ver se, ou nos embrenham outra vez pela esterilidade do deserto, ou nos vendem de novo ao Moabita.

E tudo temos sofrido com pacencia; e exceptuado hum ou outro clamor, que logo se abafou, com hum silencio e resignaçam que a nossos proprios oppressores devia encher de remorsos, e vergonha, se de remorsos ou de vergonha

fosse tal gente capaz. Temos sofrido oppressam, injuria, insulto, escarneo, calumnia — pela falsa ideia que seus mirmidoens e sycofantas entre nós fizeram prevalecer de que *era preciso callarmonos e ter paciencia para se ganhar a causa da patria*. A nossa paciencia nam faltou: mas elles que fizeram? Devoráram esse resto da substancia publica que por acaso appareceo, dividiram-no entre si e seus parazitos, e os *ceitiz*, que por muita mercê consentiram a nos arrojar, de vez em quando, foram chorados, e mal dados, e dados quando lhes aprouve, e dizimados pelas harpias, que elles engordam para nos devorar a nós.

E nam bastará ja de sofrimento; nam nos desenganaremos em fim de que a nossa resignaçam só serve para os animar a novas prepotencias, e traiçoens, e insultos? Nam será tempo em fim de que nos intendamos os Portuguezes, e consultemos por nossa salvaçam; que nos libertemos deste jugo de ferro, e salvemos, quando menos, a honra? Nam será tempo em fim de que se forme aquelle *consensus bonnorum omnium*, que faça tremer e fugir estes flagiciosos Catilinas?

Sim : he tempo. Até aos Portuguezes chegará a sua hora. Até nós, nós os mais sujeitos dos escravos da terra, até nós vamos libertarnos. He forçoso que nesta hora solene se diga a verdade, que se denuncie a impostura, e nos conheçamos, e intendamos huns aos outros para que novas perfidias e nova cegueira nos nam tornem a submergir na miseria de que o Povo Frances nos libertou.

E ja que se nam ergue outra voz em Israel, sôe a minha voz nas tendas de seus filhos. Ja que outro profeta se nam suscitou dentre o povo para lhe prégar a palavra da verdade, e do dezengano, eu tomarei em minha lingua o *calculo ardente* que a purifique, e soltarei a formidavel palavra JUSTIÇA. Meo estilo mal apparado e nam affeito a coisas politicas, em que jamais pratiquei, correrá como o *calamo do que escreve veloz,* talvez sem arte, sem a deducçam e compostura que a materia pedia : acaso, traçando os vivos sentimentos de hum coraçam devorado de patriotismo, meo estilo perderá no grave e pausado das reflexôes, pela poetica effervescencia das imagens. Embora ! nam o conterei.

Pela primeira vez, e tarde para meos annos, dou desafogo a sentimentos que nasceram com o meo coraçam, e nam envelheceram com o meo corpo, nem morrerám com a minha vida. Pela primeira vez confio dos *immortaes* carateres da Imprensa, os pensamentos de minha solidam: tam crus, e indigestos virám elles que a meos concidadaons nam aprasam! Embora! nam os sei ellaborar milhor.

Pacifico e obscuro membro da sociedade, tenho vivido até á velhice como estrangeiro no meio da minha patria, calado e aparentemente indiffrente em suas oscilaçoens. Calado e resignado vim dezhonrar as tristes cans no ignominioso desterro para ondc todos fugimos cobertos de sangue, e de infamia. Calado, e resignado tenho visto e sofrido, como os outros, a indecente arrogancia com que no lodo em que nos mergulháram, acinte nos tem calcado a desalmada aristocracia, e seos vis mirmidoens. Tenho ouvido seos desprezos, os apupos de seos sycofantas; tem-me retinido nas orelhas, e chegado ate os seios d'alma as descompostas risadas de seos parasitos quando nas regaladas mesas de seos Anfitrioens

zombam dos farrapos que mal nos cobrem, e do pam *negro* da amargura que esmolamos pelas portas, e da pallidez de nossas faces esqualidas de miseria e fome.... Santo Deos! que mais nos resta ver, e ouvir!

E tudo tenho visto e ouvido; e tudo tenho sofrido sem murmurar. Mas nem ja cumpre, nem he honesto callar mais. Huma terrivel conjuraçam de indignos Portuguezes se forma para nos perder, e empecer os esforços do patriotismo e inutilizallos: de longa mam se preparam para trahir a Liberdade, e a Patria, e nos entregar manietados nas maons de nossos inimigos. He preciso denunciar esta conspiraçam, desmascaralla, arrancar dos hombros infames dos escravos o manto do Liberalismo com que se cobrem para nos enganar, mostrar lhes as costas *verberadas* pelo latego de seos amos, e o callo da cerviz costumada ao jugo, e que elles diante de nós entonam como se foram homens livres. E o tempo urge. A Liberdade triunfante no Sena, ja escalla os Pireneos, e talvez cingra para o Tejo.... E os parasitos, os venaes escravos da aristocracia começam a ensaiar suas artes

para nos enganar, e dezunir, e desvairar. A Imprensa, a Imprensa, que elles odeam, e de que tremem, he em suas maons como a espada que vacilla nas maons do covarde assassino, simbolo da honra, arma do heroismo na mam do valente soldado, instrumente de maleficio nas do espadachim. Ja pela imprensa nos propinam seos toxicos e venenos : eilos dezacreditando cidadaons benemeritos, fazendo o sordido panegirico de seos amos, semeando entre os verdareiros liberais a zizania das malquerenças.

E que outra coisa tem feito ha mais de hum anno seos corruptos jornaes e insidiosos libellos? Para que fim se congregou essa Junta de follicularios arregimentada e assoldadada pelos Palmellas, e Balbinos? E que bem os escolheo a torpe aristocracia para o torpe mester que lhes deram; Clerigos devassos *, e immo-

* O padre Marcos beberrão, espião, e desregrado : o padre Amaro, apostata, espião de Massena em Portugal, e periodista sempre assoldadado por alguem : Rodrigo de Magalhens, delatôr por officio, e por sallario, deu juramento ao Monstro de Portugal, e não emigrou, senão depois que o espulsârão da secretaria das justicas : taes são os panegeristas da Regencia da Ilha, e dos seos procuradores em Lon-

raes, cujo envilecido nome figura nas listas da espionagem de Paris, e de Lisboa; desertores e denunciantes; demagogos sediciosos e ignorantes, um que de sua obscuridade sahira por fingido liberalismo, e a quem a perda *de certos bahus*, e o servilismo com que lambeo os tijolos de South Audley-Street, deram vergonhosa celebridade **; outro... Mas nam enxovalharei mais a minha penna em tanta immundice e torpezas.

Mas impugnam o despotismo. Sim, o despotismo, que os nam empregar. Invectivam contra D. Miguel. Porque D. Miguel os nam quiz comprar. Facil se venderia a hum despota coroado quem táo barato se vendeu a despotas emigrados. Negam? Pois neguem por obra e que se veja. Envêz de calumniar e insultar a seos oprimidos compatriotas, porque

dres : todo o dinheiro teem sido para estes sevandijas, encenssadôres de Dom Thomaz, quando deixa morrer de fome os subditos, leaes, e briosos da senhora Dona Maria segunda!

** Allude aos cofres publicos que o doutôr Magalhaens, e Gama Lobo embarcârão no Porto nos bahus delles, que naufragârão depois em Londres e Paris!! Assim mesmo lá os aproveitou ambos a Regencia para conselheiros..... Lé com lé, cré com cré....! E a Terceira tudo aguenta.....!!

nam ousam accusar os opressores? Será por escassez de materia?

Mas nam ousam, por que as larguezas da embaixada cessariam, as promessas de futuros empregos seriam retiradas; e aonde hiria a gralha expulsa dentre os pavoens?

Miseraveis enganadores, pois he D. Miguel por ventura a *causa* de nossas desgraças; não será elle sómente *effeito*, mero effeito, um dos muitos effeitos que produzio a causa que vós defendeis? Foi D. Miguel que assassinou Gomez Freire, que fez o tratado de 1810, que inutilizou a revoluçam de 1820, que destruhio a liberdade em 1823, que fez quebrar a Palavra Real em 1824, que trahîo o Rey e o povo em 1826? Seria D. Miguel quem da embaixada de Londres e das secretarias de Lisboa intrigou para se dar a Regencia a D. Miguel? Foi D. Miguel que chamou Lord Beresford a Lisboa para lhe entregar o exercito e destruhir a Carta? Foi D. Miguel que formou, e que dissolveo a Junta do Porto? Foi D. Miguel que para insultar as veneraveis cans do General Pizarro, pasa insultar tantas mil victimas da Lealdade, e da

Liberdade, entregou o commando do deposito de Plymouth a hum Tenente Coronel, só conhecido no exercito por haver combatido nas fileiras inimigas, por haver trahido tres vezes o Soberano e a patria? Seria elle que de Londres ao Imperador enviou *uma deputaçam de imbecis e traidores* para tratar os mais importantes negocios do paiz? E quem a todos os emigrados quiz fazer embarcar como carga de escravatura para o Brasil, onde os poucos que se deixâram sedusir, encontráram o abrigo que he notorio? Quem desamparou a Madeira, e a Ilha Terceira, que só por milagre da Providencia, o pelo denodo do bravo Cabreira se salvou a ultima, nam por nenhum esforço dos egoistas mandoens? Seria D. Miguel ou a camarilha de South Audley-Street, que tudo isto fez *** ?

Aposthuma, e mentirosa, e calumniosa,

*** Existindo entre os emigrados os senhores Silvestre Pinheiro, Solano Constancio, Margiochi, Saldanha, Filipe Ferreira, Cabreira, Liberato Freire, Stubbs, Henrique da Silva, Pizarro, Correa de Mello, Ferreira Borges, Manoel de Macedo, etc., etc., não he coiza bem estranha que o decoro da rainha, e a sorte dos seos subditos esteja exclusivamente confiada pelo Tutôr da rainha âquelles que por variados modos concorrêrão para a uzurpação? Dom

representaçam do Junta do Porto ao Imderador do Brasil, as contas do Sr. Balbino, as nunca averigoadas contas de Plymouth, as nomeaçoens dos Magalhaens e D. Francisco d'Ameida, as connivencias secretas com o principe de Pollignac, a vergonhosa administraçam, e injusta distribuiçam da fazenda, seram obras de D. Miguel?

E para todas estas infamias se encubrirem e soffrerem, hade se dar por banal razam, que os interesses da causa o pedem, que nam convem desacreditar e desunir os emigrados? Mas essa immunidade he só para a camarilha, que dá dinheiro, e promette empregos. Esses sáo sagrados: ai de quem os toca! Erguem-se, e ladram a ensurdecer, a cafilla dos scribleros venaes apenas de SS. Exas. se diga a minima palavra menos reverente: chovem calumnias, vituperios, desaba uma catarata de insultos, nam so sobre quem tal ousou, mas até sobre qualqer suspeito.

Indignos! e que vos fez o General Saldanha para o trazer no continuo re-

Thomaz ainda a bordo da Bombarda declarava que não gostava da Carta, e o conde de Villa Real dizia outro tanto.

moinho de vossas farpadas linguas? Quantas vezes vós mesmos, que hoje o insultais, beijastes o pó diante delle, e vos ajoelhastes ao idolo que entam tinha templos e efferendas?

Cometteu triste falta em 1828: mas qual homem he impecavel? E nam foi elle o unico ministro constitucional (nem vós o ousais negar) entre tantos que nos vendêram e trahiram?

Mas a camarilha suspeitou (e nam se enganará em suas suspeitas) que o bravo General nam estava longe de hir lavar essas maculas no sangue dos inimigos da patria, e no seo proprio..... vio que as esperanças dos bons Portuguezes se concentravam todas nelle, que para elle, como para salvador, estendiam os braços os que em Portugal ainda gemem, os que pelo desterro peregrinamos, e até os que nas muralhas da forte Angra soffrem impacientes o jugo da mal rebuçada oligarquia: e eila que trata de desacredidar, e perder na opiniam o unico homen, em torno do qual so se podem reunir os defensores de nossa liberdade.

Miseraveis! como vos cegou o odio proprio e a pitança alheia; vossos ridiculos esforços produzem o contrario ef-

feito. O homem que Magalhaens insultam, que Palmellas perseguem — basta-lhe o insulto e a perseguiçam para o purificar na opiniam dos bons Portuguezes.

A opiniam dos Portuguezes está formada ha muito: e a experiencia lho mostrará a seo tempo, a esses despreziveis servos, e a seos amos.... Oh! e terrivelmente, e tremendamente para elles!

M. Scevola.

Londres, 4 de Octubre de 1830.

Correspondencia.

Londres, 30 de Junho.— Os Chalaças *calumniâo*, de dia, e de noute, todos os Emigrados que nâo estâo *ajuramentados* na ord.. dos Myrmidoes, de que he g.. m.. o Marquêz de P., princ.., gener.. e caval .., a sua clientela, etc. Resposta — Que os Chalaças, *brancos fugidos*, calumniem, he proprio de todos os sevandijas de palacio; mas se o Duque de Braganca escuta ainda Chalaças, Rezendes, Rochas, Itabayanas, e quejandos, a respeito de Portugal, e de Portuguezes... entam....!

Angra, na real typographia do Divan.